# PESTE SUÍNA CLÁSSICA - REVISÃO DE LITERATURA

# CORDEIRO, Lucilaine Caroline Trindade1¹\*; BITTENCOURT, Rafaella Maria Dutra1¹; DE PAULA, Izabella. Maria da Cruz¹; LAMÊGO, Ana Flávia Lima¹; ZERLOTINI, Mayra Fonseca².

# *¹Graduandas em Medicina Veterinária, Universidade Presidente Antônio Carlos – Conselheiro Lafaiete – MG; ²Professora de Doenças de Suínos do Curso de Medicina Veterinária – UNIPAC Lafaiete – MG,* [*\*nana-cordeiro89@hotmail.com*](mailto:*nana-cordeiro89@hotmail.com)

**RESUMO:** A Peste Suína Clássica (PSC) é uma doença viral altamente contagiosa que afeta os suínos e apresenta grande importância econômica. Seus sintomas envolvem febre alta, depressão, inapetência e pode levar à morte. O manejo relacionado a essa doença envolve medidas de prevenção, como a vacinação dos animais, biossegurança nas instalações e monitoramento constante com intuito de evitar a disseminação.

**PALAVRAS-CHAVE:** diagnóstico,doença, vírus, suinocultura.

**INTRODUÇÃO**

A suinocultura desempenha papel crucial na indústria alimentícia e na economia global. Ela fornece uma fonte valiosa de proteína animal, contribuindo significativamente para o suprimento alimentar de muitos países (Rocha et al., 2022). Além disso, a suinocultura é fonte importante de empregos e renda em áreas rurais, o que promove o desenvolvimento econômico e o incremento da subsistência de comunidades agrícolas. Desta forma, as doenças que acometem os suínos, têm influência significativa na indústria de carne suína (Gava, D. et al., 2019). No presente trabalho será abordado o tema da PSC que é uma doença que acomete os suínos e apresenta grande prejuízo financeiros e até mesmo afetar a saúde pública.

**REVISÃO DE LITERATURA**

A PSC é uma doença viral altamente contagiosa que afeta os suínos e pode levar a sintomas graves, e em muitos casos, a morte dos animais. Pode se manifestar de forma aguda, subaguda e crônica (Mendonça et al., 2020).

O vírus da PSC pertence à família *Flaviviridae* e ao gênero *Pestivirus*. Ele é altamente contagioso entre suínos e pode causar doenças graves. Apresenta pouca resistência ao calor, aos 56°C é inativado em 60 minutos e a 60°C em 10 minutos (Mendonça, 2020). Nas instalações pode sobreviver por mais de 15 dias, nas fezes e na urina por até 24 horas quando exposto ao sol. Mostra-se sensível a desinfetantes comuns como solventes de gorduras e hidróxido de sódio 2%. Em carcaças refrigeradas pode permanecer por mais de um mês e por mais de quatro anos em carcaças congeladas (Silva et al., 2015).

A doença pode ser transmitida de várias formas. Entre elas, o contato direto - que é quando suínos infectados entram em contato com suínos saudáveis- o vírus pode ser transmitido por meio de secreções corporais, saliva, urina e fezes. E o contato indireto que pode ocorrer através do contato do animal saudável com superfícies, equipamentos, veículos de transporte e objetos contaminados pelo vírus. Outra forma comum é a ingestão de alimentos contaminados, quando os suínos consomem restos de alimentos ou rações contaminadas. Vetores biológicos também podem fazer parte da cadeia de transmissão, por exemplo: insetos hematófagos como carrapatos e mosquitos. Já os seres humanos, que embora não sejam afetados pela PSC, podem atuar como portadores do vírus (Buso, 2019).

Inicialmente o vírus se instala nas tonsilas, onde ocorre sua replicação e distribuição para os linfócitos regionais, chegando até a via linfática, linfócitos T e B e outras células da linhagem macrofágica (Rocha et al., 2022). Posteriormente acontece a infecção das células epiteliais de diversos órgãos. A doença resulta em severa leucopenia, que leva ao estado de imunodepressão do animal (Gava, D. et al., 2019).

A forma aguda da doença é caracterizada por início rápido e severo dos sintomas após a infecção pelo vírus. Os suínos afetados pela forma aguda da doença geralmente apresentam sinais clínicos graves, como febre alta, letargia intensa, anorexia (perda de apetite), vômitos, diarréia aquosa e hemorragias. As hemorragias são um dos aspectos distintivos da forma aguda da PSC. Elas podem se manifestar como hemorragias na pele, nas membranas mucosas, nos órgãos internos e até mesmo nas fezes. Devido à natureza rápida e intensa dos sintomas, os suínos afetados pela forma aguda frequentemente têm uma taxa de mortalidade bastante elevada (Cerqueira, 2019).

A forma subaguda é um estágio intermediário entre a forma aguda e a crônica da doença. Nesse estágio, os suínos infectados exibem sintomas menos graves do que na forma aguda, mas ainda enfrentam uma série de problemas de saúde. Os sintomas da forma subaguda da PSC podem incluir febre moderada, inapetência, letargia, desidratação, erupções cutâneas, diarreia e possivelmente hemorragias. Embora os sintomas não sejam tão intensos quanto na forma aguda, a doença ainda pode causar impactos significativos na saúde e no bem-estar dos suínos (Buso, 2019).

A forma crônica é uma fase mais prolongada da doença, que pode ocorrer em suínos que sobreviveram à fase aguda ou subaguda da infecção. Nessa fase, os suínos afetados podem mostrar uma variedade de sintomas persistentes, embora possam ser menos graves do que na fase aguda (Gava, D. et al., 2019). Os sintomas da forma crônica da PSC podem incluir perda ponderal gradual, crescimento retardado, adinamia, pelagem áspera, deformidades nas unhas, diarreia intermitente e problemas reprodutivos, como aborto e leitões natimortos. Neste estágio, a doença pode ser difícil de identificar, pois os sintomas podem ser mais sutis e menos específicos. Isso pode levar a um risco de disseminação contínua do vírus, já que os suínos afetados podem não ser imediatamente reconhecidos como portadores da doença (Cerqueira, 2019).

O diagnóstico preciso da PSC é crucial para implementar medidas de controle e prevenção apropriadas. A confirmação do diagnóstico é frequentemente realizada por laboratórios especializados em saúde animal. Para o correto diagnóstico é necessário uma combinação de métodos clínicos e laboratoriais como avaliação clínica realizada por médicos veterinários que irão observar os sintomas clínicos nos suínos, como febre alta, hemorragias, letargia e outros sinais característicos da doença (Mendonça et al., 2020). E testes laboratoriais, realizados através de amostras biológicas, como sangue, tecidos, saliva, urina e fezes, são coletadas dos suínos suspeitos e testadas em laboratórios especializados. Podendo ser realizado o RT-PCR para detectar o material genético do vírus da PSC; o ELISA para detectar anticorpos específicos do vírus no sangue dos suínos; isolamento viral para isolar o vírus a partir de amostras coletadas e cultivado em culturas celulares para confirmação; necropsia e exame post mortem, em casos de morte de suínos, uma necrópsia é realizada para examinar os órgãos e os tecidos em busca de lesões características da PSC e os testes de soro que é realizado em amostras de sangue para detectar a presença de anticorpos contra o vírus da PSC (Buso, 2019).

Como não existe cura e não há tratamento específico para PSC o foco principal deve ser a prevenção e o controle da propagação do vírus. Como os vírus têm alta capacidade de propagação, medidas rigorosas de biossegurança são fundamentais para prevenir a transmissão da PSC. Isso inclui vacinação em áreas de ocorrência da doença, isolamento de suínos infectados, quarentena dos novos animais adquiridos, sacrifício de animais doentes para evitar a disseminação do vírus para outras áreas, desinfecção regular de instalações e equipamentos, restrição de movimento entre fazendas suinícolas, bem como realizar testes regulares para detecção do vírus e seguir os protocolos de prevenção e controle recomendados pelas autoridades de saúde animal (Cerqueira, 2019).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A PSC, é uma doença viral altamente contagiosa e, muitas vezes, fatal aos suínos. Podendo causar grandes prejuízos econômicos para o produtor, portanto, é extremamente importante o controle e profilaxia nas granjas suinícolas, principalmente em relação à aquisição e introdução de novos animais no plantel, entrada de pessoas e de veículos nas cadeias de produção, bem como, estabelecer uma boa estratégia de biossegurança para erradicação desta enfermidade.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BUSO, Daniel Sartore; LAGE, Flávia de Carvalho. Peste suína clássica. 2019.

CERQUEIRA, Rafaella Regina Ramalho. **Peste suína clássica: revisão de literatura**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. Brasil.

GAVA, D. et al. Peste Suína Clássica e Peste Suína Africana: entendendo as doenças e os riscos para o Brasil. 2019.

MENDONÇA, Talita Oliveira et al. Monitoramento soroepidemiológico de peste suína clássica na região da zona da mata do Estado de Rondônia. **Pubvet**, v. 14, p. 157, 2020.

ROCHA, Clayton de Oliveira; FERREIRA, Luciana. Revisão de literatura: monitoramento de peste suína clássica em granjas de suínos em Rondônia. 2022.

SILVA, V. S. et al. Monitoramento sorológico de peste suína clássica em suídeos asselvajados (sus scrofa) no estado de Santa Catarina. 2015.